4 AGO 1985

Forças disciplinadas

Sarney

4 AGO 1985

Em artigo publicado inicialmente em São Paulo, reproduzido por vários jornais, o então candidato à Vice-Presidência pela chapa da Aliança Democrática, José Sarney distinguia o processo da abertura brasileira diante do argentino. O título da matéria era "A Síndrome Alfonsín". Nele, o futuro presidente enumerava, com meridiana nitidez, as diferenças, entre as quais se destacando a ausência de revanchismos da parte brasileira. Devida grandemente ao fato de aqui a guerrilha e a contraguerrilha não terem atingido as mesmas proporções de lá. Além de não ter havido nenhuma Malvinas no Brasil.

A publicação deve ter contribuído para o desanuviamento dos ânimos na área militar, ao lado das óbvias negociações empreendidas por Tancredo Neves, também acima de qualquer suspeita.

Agora, quando os pescadores das águas turvas de sempre tentam de novo obscurecer o quadro, volta José Sarney, já na Presidência da República, ao tema e de maneira ainda mais clara. E num improviso, porque se trata de assunto do qual entende por dentro: "Sem a unidade, disciplina e o apoio das Forças Armadas, não se teria feito no Brasil uma transição tão pacífica, como a que nós realizamos".

Não podia haver melhor cenário que a concentração na indústria espacial em São José dos Campos, sede da tecnologia de ponta no Brasil, como em vários outros países. Com a diferença que, aqui, está um país ainda em vias de desenvolvimento. Mas, proclamou-o o presidente Sarney, num reconhecimento em nome da Nação que "as dificuldades financeiras superadas pela criatividade e pelo aguçado senso cívico dos pesquisadores e técnicos".

Falou a pura verdade.

O complexo de São José dos Campos demonstra outra face perene do papel das Forças Armadas, colaborando diretamente para o Brasil se situar entre as dez maiores economias do mundo. O que há ali é mais que um milagre, é motivo de orgulho para o Brasil pelo seu esforço concentrado e permanente, desmentindo todos os pessimismos e provando que o brasileiro, quando quer, faz.

E se tal se apresenta possível na tecnologia, porque também não na democracia? Uma coisa se vê ligada à outra num país moderno.

Completou o presidente Sarney, em São José dos Campos: "Certamente ainda passaremos por algumas turbulências, mas agora temos uma forte unidade para combatê-las". A unidade nacional em torno não só do seu nome, principalemnte em favor da democratização que avança e pode continuar avançado até com vacilações, mas sem recuos. Afinal de contas, já houve tantos percalços e tropeços, que não é demais pedir e esperar um pouco de prudência. E esta não exclui a coragem; antes, pelo contrário, a convida e impõe num quadro de realismo.

O principal consiste na fidelidade do cidadão Sarney a si mesmo antes da Presidência: "Não desejei nem sonhei ser Presidente, mas tenho a visão histórica do que esse cargo representa".

Realmente, é a própria história que se abre à memória do nordestino galgado à posição suprema da Nação, na medida em que se lembrar do passado brasileiro de soluções pacíficas, ensejando sua continuidade no futuro. O nome de José Sarney poderá ficar como um elo, um marco decisivo. Ele sabe disso. Já o reconheceu publicamente. Cabe ao País acompanhar-lhe a trajetória e recompensá-la devidamente. É um privilégio ser o Presidente da transição.

Em todo esse contexto, emerge o desempenho das Forças Armadas digno do seu patrono maior, o Duque de Caxias, pacificador por excelência. No discurso de posse, que Tancredo lamentavelmente deixou de pronunciar, ele começava evocando a tradição brasileira de confraternização. Ela vem sendo realizada, uma vez mais, por Sarney, condigno companheiro de chapa da Aliança Democrática.

O Brasil inteiro deposita os olhos nos acontecimentos que se desenrolam em paz e deseja sua conclusão como o prometido nas praças públicas.

CORREIO BRAZILIENSE